

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS LIVROS DE PSICOLOGIA

MAGDA DAMIANI

Professora do Departamento de Fundamentos da Educação
Faculdade de Educação/UFPel

As idéias que vou apresentar a vocês são fruto de minhas reflexões a respeito das dificuldades que encontro no meu trabalho como professora de Psicologia nos cursos de Licenciatura.

Quando me defronto com a falta de motivação dos alunos para o estudo de muitos dos temas de Psicologia, quando ouço depoimentos sobre as dificuldades que encontram em utilizar na prática os conteúdos estudados, quando percebo que tentam colocar-me no papel equivocado de terapeuta ou conselheira ao invés de professora, começo a buscar explicações para isso. Então me pergunto qual a função do psicólogo ou da Psicologia na formação do educador.

Se tentarmos sintetizar, de uma maneira bem simplificada, concluiremos que o objetivo de ensinar Psicologia a educadores seria sua instrumentação para o entendimento e manejo tanto dos processos de aprendizagem quanto do comportamento dos alunos com os quais irão trabalhar. Com a ajuda do saber psicológico supõe-se que o professor poderá ter mais sucesso em sua tarefa. Mas que tarefa é essa?

Nossa sociedade caracteriza-se por uma enorme desigualdade entre classes sociais e por uma marcante separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. A escola brasileira, através de mecanismos claramente verificáveis de exclusão, tem-se caracterizado por formar uma pequena elite intelectual, que exerce as funções de comando e dominação e um grande contingente de analfabetos ou de indivíduos que tiveram um nível de educação apenas suficiente para transformá-los em mão-de-obra qualificada. A educação em nosso meio, para atingir seus objetivos, guia-se por parâmetros que CHAUÍ(1980) denomina tecnocráticos: informação, treinamento e pragmatismo.

Dentro da lógica acima explicitada, o psicólogo, em nossa sociedade, deve ajudar a instrumentar o professor para a reprodução dessas relações de dominação de classe. O psicólogo presta esse serviço aos interesses dos dominadores utilizando sua ciência de maneira alienada, acreditando em sua objetividade e neutralidade e ignorando seu potencial de contribuição real para o entendimento do homem e melhoria de suas condições de vida. Como o psicólogo também foi formado por uma escola que não lhe favoreceu o espírito crítico ou a conscientização, esta situação, em geral, não lhe apresentará nenhum conflito. Além disto, a maior parte da literatura com que conta para fundamentar seu trabalho, contribui para manter a ilusão de que a Psicologia é capaz de dar conta da natureza humana de forma abstrata e total. É por esta razão que me preocupa a contextualização, ou melhor, a descontextualização dos livros de Psicologia.

Quando falo em contextualização de um livro ou de um texto, refiro-me à explicação da realidade sócio-histórica

em que o conteúdo foi produzido para que não seja interpretado como universal e único possível, mas como relativo àquelas circunstâncias específicas onde foi pesquisado. Ao contrário da visão positivista, que considera a ciência como objetiva e neutra, penso que o conhecimento científico, utilizando as palavras de LÜDKE e ANDRÉ(1986), (...)vem sempre e necessariamente marcado pelos sinais de seu tempo, comprometido portanto com sua realidade histórica e não pairando acima dela como verdade absoluta. A construção da ciência, segundo essas autoras, é um fenômeno social por excelência.

Preocupa-me também o fato de não existir uma verdadeira Psicologia Escolar, específica para a formação do educador, e intimamente ligada à ciência pedagógica. A Psicologia Evolutiva que os estudantes das licenciaturas estudam, por exemplo, acaba sendo a mesma estudada pelos estudantes de Psicologia pela inexistência de literatura adequada. Isso contribui para que os conteúdos estudados pelos futuros educadores não supram suas necessidades.

Examinemos, agora, alguns extratos dos livros de Psicologia frequentemente utilizados em nossa prática:

Hurlock, discutindo a influência da família na formação da personalidade do adolescente, afirma que as relações entre os jovens e os demais membros da família tendem a piorar, na medida em que chegam à adolescência. A falta [...] é de ambos os lados. Os pais frequentemente se recusam a admitir que seus filhos não são mais crianças totalmente dependentes. Resultado, continuam a tratá-los como se fossem crianças e isso irrita o adolescente. Por outro lado, os adolescentes muitas vezes se negam a se comportar à altura de sua idade, especialmente em termos de assumir determinadas responsabilidades perante a vida. (ROSA, 1988:p.95)

Ao examinarmos o parágrafo acima, extraído de um livro de Psicologia Evolutiva, não podemos deixar de pensar, mesmo sem uma análise mais aprofundada, que o fato descrito aplica-se apenas a uma amostra específica da população brasileira - o grupo de maior renda. Acredito que o adolescente de classe trabalhadora, que é jogado muito cedo no mercado de trabalho, dificilmente passa por um processo semelhante ao descrito por ROSA. O autor, no entanto, furta-se de explicitar que sua afirmação diz respeito apenas a um determinado grupo social e os alunos, com pouquíssimas exceções, não conseguem se posicionar criticamente a respeito do que está escrito nos livros. A situação melhoraria um pouco se o professor comentasse a falha do texto e o grupo se propusesse a verificar o que acontece na realidade

com o adolescente de classe trabalhadora. Entretanto, como isto raramente acontece, o futuro educador, que em sua maioria dirigir-se-á ao ensino público, sofre um desserviço por parte do psicólogo, que o coloca em uma posição de maior despreparo ainda para entender o adolescente com quem vai lidar.

Vejam, agora, um trecho do livro de Maria Helena NOVAES (1986) sobre Psicologia da Aprendizagem onde a autora descreve as características psicológicas do que denomina um professor mentalmente equilibrado:

Assim, entre as reações e atitudes características do professor equilibrado emocionalmente, poderíamos apontar:

- segurança pessoal;
- atitudes basicamente não-defensivas com os alunos;
- sensibilidade para problemas de interação e capacidade para resolvê-los;
- coerência de atitudes;
- estabilidade emocional;
- aceitação de si próprio e dos alunos;
- flexibilidade adaptativa às situações novas;
- disponibilidade interna;
- comunicação direta e autêntica;
- capacidade de relacionamento humano;
- autoconfiança;
- resistência às situações frustradoras;
- respeito a si próprio e aos outros;
- espontaneidade de ação;
- abertura para experiências;
- capacidade de autocrítica;
- neutralização de projeções e identificações pessoais;
- controle do seu envolvimento afetivo com os alunos;
- reconhecimento dos seus limites pessoais;
- utilização de suas potencialidades.(p.97)

A descrição de NOVAES, em primeiro lugar, prioriza o caráter conformista e adaptativo do professor. A autora não menciona, por exemplo, como sinal de equilíbrio emocional, uma postura questionadora, crítica e transformadora em relação à escola ou à sociedade. NOVAES parece partir do princípio de que as características de um bom professor não guardam nenhuma relação com o contexto sócio-histórico no qual esse profissional está inserido. O bom professor por ela descrito transforma-se, assim, em uma entidade abstrata e universal que pode tanto trabalhar em uma escola particular como em uma escola pública, em um regime democrático ou em um regime autoritário, ganhando um salário digno ou um salário indigno. Talvez até em uma situação absolutamente teórica, com condições ideais de trabalho, houvesse algum sentido em descrever as características psicológicas do professor emocionalmente equilibrado. Mas de que serve esta descrição para o futuro educador que temos de formar? Quando menos para adaptá-lo ao sistema social vigente ou para fazê-lo sentir-se frustrado por não preencher os critérios preconizados.

A definição de Psicologia Social apresentada por McDAVID e HARARI (1974) é um outro exemplo da falta

de contextualização da literatura:

[...] Psicologia Social - estudo científico do relacionamento dos indivíduos uns com os outros em termos individuais, em grupo e na sociedade. (p.XV)

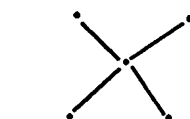
Embora esses autores mencionem a influência da sociedade sobre o relacionamento dos indivíduos, este aspecto não fica enfatizado com o suficiente peso como o faz Silvia LANE (1985) no extrato que segue:

[...] a Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para a continuidade da sociedade. (p.10)

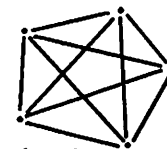
A leitura da definição de LANE ilustra o nível qualitativo superior que se pode obter em um texto que se preocupa em resgatar os aspectos históricos e sociais do conhecimento.

Por último, gostaria de apresentar outras idéias do livro de McDAVID e HARARI (1974) sobre a psicologia dos pequenos grupos, enfocando novamente o campo da Psicologia Social no qual atuo mais intensamente.

Os autores, ao descreverem o processo de comunicação em um pequeno grupo, mencionam, entre outras, as formas que denominam *roda* e *círculo* (ver diagramas abaixo) como tendo diferentes graus de sucesso conforme os objetivos do grupo no qual ocorrem. A comunicação tipo *roda* - uma pessoa centraliza os intercâmbios - favorece a realização de tarefas grupais de forma mais eficiente. Por outro lado, a comunicação tipo *círculo* - em que cada pessoa se comunica com todas as outras - segundo os autores, produz maior satisfação individual aos membros do grupo.



roda



círculo

Quando nos deparamos com esse material teórico podemos, de início, pensar que tem utilidade para o professor já que o fenômeno da formação de pequenos grupos é algo que faz parte de nossa vida escolar cotidiana. Se, no entanto, refletirmos um pouco, sentiremos necessidade de contextualizar a teoria que nos é apresentada mais uma vez como geral e universalmente aplicável.

Um grupo constitui-se e atua dentro de um macrocosmo social específico e as relações sociais que se estabelecem em seu interior não dependem apenas das capacidades e disposições pessoais de seus membros. Essas relações estão intimamente vinculadas às relações sociais vigentes na sociedade da qual esse grupo faz parte. Então nos perguntamos: será possível existir um grupo democrático, onde a comunicação aconteça em forma de círculo em nossa sociedade classista? Nesse grupo, todos exporiam suas idéias de forma igualitária, não haveria uma só liderança estabelecida e o trabalho seria realmente cooperativo, pro-

porcionando satisfação a seus membros. Mesmo o professor que se pretende democrático mas que não consegue fugir à função de autoridade que lhe é inerente, consegue criar em seu grupo de sala de aula um sistema de comunicação com essas características? Em que circunstâncias pode um grupo democrático ser criado? Da mesma forma, pode-se examinar o grupo com configuração roda e pensar quem, em nossa sociedade, geralmente, assume a função de liderança e que tarefas são essas que se alardeia serem realizadas de forma eficiente em tal tipo de grupo. Nenhuma dessas indagações é feita pelos autores citados.

Assim como esses, poderia citar uma infinidade de exemplos de teoria descontextualizada extraídos da literatura com a qual temos que trabalhar também por falta de livros com melhor qualidade. Fica claro que essa literatura não tem nenhum compromisso com metas humanistas como formação, aprendizagem e conscientização do aluno. Tais metas, como aponta CHAUI (1980), poderiam ser utilizadas como instrumentos de transformação do real graças ao favorecimento de sua compreensão crítica e isto não interessa à atual sociedade brasileira.

Frente a essa situação, que pode então fazer o professor de Psicologia? Parece-me que poderia se propor a fazer, juntamente com seus alunos, uma leitura crítica da bibliografia que utiliza. Essa leitura abriria a possibilidade de se verificar se os postulados gerais apresentados são adequados à realidade do local e do momento histórico em que estiveram vivendo. Esse tipo de ação deveria vir acompanhada da ida do futuro educador para dentro da escola desde o início de seu curso para que possa avaliar a teoria estudada e tentar reconstruí-la à luz de sua experiência. Na busca desse corpo teórico contextualizado, parece vislumbrar-se um caminho para o processo de integração teórico-prática que sabemos de vital importância na formação do professor.

O professor de Psicologia, assim como seus colegas de outras áreas, deveria, então, fazer um esforço para que a informação recolhida pudesse ser sistematizada e divulgada de forma a que se dispensassem muitos dos livros de má qualidade que utilizamos. Contando com a contribuição da ciência pedagógica, o psicólogo deveria tentar construir uma Psicologia que fosse realmente específica para a área da Educação e que pudesse ser realmente útil ao futuro educador no seu papel de transformador da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUI, Marilena S. Ideologia e Educação. *Educação & Sociedade*, São Paulo, v.2, n.5, p.24-40, jan. 1980.
- LANE, Silvia T. M. *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MCDAVID, J.W., HARARI, H. *Psicologia e Comportamento Social*. Rio de Janeiro: Interciência, 1974.
- MIRANDA, M. G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S. T. M., CODO, W. (orgs.). *Psicologia Social: o homem em*

movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NOVAES, M. H. *Psicologia do Ensino-Aprendizagem*. São Paulo: Atlas, 1986.

ROSA, M. *Psicologia Evolutiva*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SILVA, T. T. Retomando as teorias da reprodução. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n.1, p.155-179, 1990.

UNITERMOS: Educação; Psicologia da Educação; Formação Profissional; Professores; Ensino.